

Conde recomenda mais atenção ao exterior

Pedro Conde, diretor-presidente do Banco de Crédito Nacional e presidente da Febraban — Federação Brasileira das Associações de Bancos — admite abertamente que a economia brasileira passa por um dos períodos mais graves, enfrentando, na maior parte, situações fora de seu controle, que dependem muito mais da política internacional.

“É evidente que dentro desse panorama conturbado, a margem de manobra de que dispomos se estreita de tal maneira que ameaça todo o esquema montado pelo governo. Assim, se torna necessário fazer ajustes constantes, seguindo as variações da economia externa”, acrescenta Pedro Conde.

Todavia, não se deve esquecer — lembra o banqueiro — que o Brasil possui uma estrutura viável, com potencial suficiente para superar os mais difíceis problemas: “É verdade que essa situação atípica exige uma série de sacrifícios, muitos deles, aliás, indesejáveis para um país com as dimensões do nosso. Mas creio que superaremos essa fase dura. As medidas postas em prática pelas autoridades poderão surtir bons efeitos, a curto prazo, fazendo reverter a inflação que se inclui entre os problemas cruciais. Agora resta torcer por uma melhora na saúde financeira internacional para que tudo seja colocado nos eixos novamente”.

Quanto ao balanço de pagamentos — afirma o presidente da Febraban — não difere muito dos demais problemas. A situação é

grave, as cotações dos principais produtos primários despencaram vertiginosamente, as taxas de juros nos grandes centros financeiros internacionais mantiveram-se elevadas durante todo o decorrer do ano, afetando a balança comercial, mas, mesmo assim, o crédito brasileiro no exterior permanece inabalável.

“O maior problema era obtermos capitais estrangeiros para equilibrar o balanço de pagamentos. E isso nós estamos conseguindo com certa facilidade, de modo que o país não terá maiores dificuldades para fechar as contas externas.”

Dentro dessa mesma linha de raciocínio, José Carlos Moraes de Abreu, diretor do Banco Itaú e representante dos bancos no Conselho Monetário Nacional, crê que, a curto prazo, o Brasil superará, sem maiores problemas, as suas principais dificuldades: “O primeiro grande entrave da nação já está quase resolvido. Já conseguimos mais de 85% dos recursos necessários ao nosso balanço de pagamentos, de forma que essa dificuldade está praticamente equacionada.”

O segundo grande problema, que é a inflação — prossegue Moraes de Abreu — parece estar sob total controle. Disparou no mês de junho, atingindo o impressionante índice de 8%, mas iniciou um processo de declínio que já permite prever um razoável controle dos preços até o final do ano: “Certamente, a inflação deste ano não ficará dentro das metas estabelecidas pelo governo, no início do ano,

que previam cerca de 70% a 75%. Mas com toda certeza se situará abaixo dos 100%.”

Ajustes necessários

Nas previsões dos banqueiros, a médio e longo prazos, a economia brasileira será extremamente influenciada pelo desempenho da conjuntura econômica internacional. Nesse ponto — dizem eles — qualquer prognóstico é arriscado, porque o futuro da economia mundial, hoje, é uma grande incógnita.

Em todo o caso, nas decisões que dependem única e exclusivamente do governo brasileiro, os banqueiros são unânimes em apontar alguns ajustes necessários, a fim de readaptar a política econômica à realidade atual, neutralizando o impacto da instabilidade externa.

Pedro Conde declara categoricamente que as autoridades terão que eliminar, ainda que de maneira gradual, os subsídios e incentivos fiscais dados a determinados setores. Além disso, ele menciona a elaboração de um orçamento fiscal rigoroso e realista e um severo controle dos gastos das empresas estatais como medidas indispensáveis para colocarem a política econômica no caminho correto.

“Na verdade” — ressalta Conde — “parte dessas medidas já vêm sendo adotadas pelo governo. Mas, daqui para frente, elas terão que ser implementadas seriamente, a fim de assegurar a estabilidade econômica do país”.